
“BARRACÃO”, FORMA DE CONTROLE DA MÃO-DE-OBRA RECRIADA PELO CAPITAL: OS MINEIROS DA REGIÃO DE JABOTICABAL

Antonio Thomaz Junior *

1. Introdução

A preocupação central deste texto, é trazer ao debate alguns elementos acerca da mão-de-obra volante (de mineiros) na lavoura canavieira da região de Jaboticabal. Preocupação esta consubstanciada na recente mobilização dos trabalhadores rurais, “volantes” ou “bóias-frias” da região canavieira de Jaboticabal e Guariba (onde se encontra um número elevado de mineiros), que resultou no “acordo de Guariba”. Pretendemos também, tentar entender as “formas recriadas” que o capital adota e incorpora para exercer seu domínio de exploração sobre o trabalho.

As agro-indústrias canavieiras e grande fornecedores de cana da região vem, desde o início da década de 70, utilizando a mão-de-obra mineira, principalmente no corte da matéria-prima.

Os “mineiros”, assim denominados, são oriundos da região mineira do Vale do Jequitinhonha, norte do estado, principalmente dos municípios de: Minas Novas, Berilo, Araçuaí, Padre Paraíso, Capelinha, Francisco Badaró, Itaobim, Virgem da Lapa, Turmalina. Região esta, muito pobre, alicerçada ao fato das precárias condições que os pequenos proprietários contam para produzir na sua “terrinha” gêneros de primeira necessidade como: arroz, milho, mandioca, etc. Segundo informações obtidas com o padre José Domingos Braghetto, coordenador estadual da Comissão Pastoral da Terra, “. . .esses pequenos agricultores passam fome e sérias necessidades, tendo ao seu redor terra para plantar. Mas só isto não é suficiente, já que, na realidade, não se tem é uma política agrícola traçada pelo governo fede-

* Pós-Graduando de Geografia da FFLCH-USP

ral, que abranja os pequenos produtores (familiares), que lhes garantam condições para se reproduzirem como tal”.

Dessa forma, esses pequenos agricultores, vêm-se em situações desesperadoras, fazendo com que esses homens se lancem à busca de recursos para o sustento dos familiares. A região canavieira de Ribeirão Preto, mais a propósito, a região de Jaboticabal e seus municípios vizinhos, vem funcionando como atrativo aos pequenos proprietários e homens sem terra do norte mineiro. Para a safra deste ano, avalia-se um número aproximado de 8.000 a 10.000 trabalhadores “mineiros” presentes nos “barracões” das usinas da região.

2. Recrutamento e Alojamento

Esses trabalhadores são contratados pelos “gatos”¹, aliciadores de mão-de-obra “volante”, que os supervisionam e controlam, sendo que o vínculo empregatício é mantido com as Usinas. No nosso caso, a Usina Bonfim (Grupo Coronel, no município de Guariba), vem ampliando, safra após safra, seus quadros de cortadores de cana com mão-de-obra “mineira”.

Estes homens chegam no início da safra, no final de abril e primeiros dias de maio, permanecendo até o término da safra, fins de outubro e começo de novembro. Deixam no seu local de origem, nas suas terras, mulheres e filhos, que passam a enfrentar as maiores dificuldades não só para “tocar” a lavoura, mas essencialmente para sobreviverem. Entendemos como sendo um paradoxo esta situação, pois, ao se verem em situação de não terem condições para colocar a terra em condições de produzir, pelo fato, de não contarem com facilidade para adquirir financiamento; e pelas poucas oportunidades de se conseguir trabalho na própria região, migram em busca de uma provável “solução” para os seus problemas. Tendo como objetivo conseguir “dinheiro” para o sustento dos familiares que lá ficaram e para que no início do plantio — que coincide com o final do corte de cana — tenham condições de adquirir sementes e outros meios de produção para plantar e colher os alimentos básicos de sua dieta. Na sua ausência, mulheres e rebentos são sacrificados por terem que, das mais variadas formas e maneiras, lutar para sobreviver. Por outro lado, se permanecerem nas suas localidades, não te-

1 Alguns deles — mineiros — homens que se sobressaíram dentre os demais por saberem ler e escrever e também por terem um bom desempenho e comportamento, nas safras passadas.

rão condições de continuarem a ser pequenos produtores rurais. Isto é, quando do momento do plantio, não vão poder contar com recursos materiais para sua produção.

Tem-se então, esta situação que se reproduz e que é vivida todos os anos. Salientamos também que no decorrer dos anos vem se notando o aumento gradativo dos pequenos proprietários do norte de Minas Gerais, que "engrossam" as fileiras em busca de trabalho em outras regiões. Existem casos em que, por não terem condições e por não resistirem a este ritmo de vida, os trabalhadores migram para cá, trazendo consigo toda a família e alguns pertences. Nestes casos, acabam-se confinando nas periferias e áreas suburbanas das cidades da região (Guariba, Dobrada, Santa Ernestina).²

Estes homens aqui chegados são alojados em "barracões", como foram batizados. Estes "barracões", poderiam ser divididos da seguinte forma: a) — aproveitamento das antigas "casas de café" e casas de ex-colonos; b) — construídos pela própria usina e/ou fornecedor. Em suma, estes "barracões" não oferecem condições mínimas de higiene, ventilação, acomodação, etc. aos trabalhadores.

Toda a direção dos "barracões" fica a cargo da Usina³, através dos seus homens de confiança, que são encarregados de colocar o "barracão" em funcionamento. Atualmente a Usina Bonfim dispõe de aproximadamente 10 (dez) "barracões", todos eles localizados em suas terras. Todos os serviços de manutenção dos "barracões": limpeza, arrumação, alimentação fica ao encargo dos contratantes, a usina no caso. Só que o trabalhador nesta safra está desembolsando Cr\$ 70.000,00 para cobrir os gastos com alimentação. Como foi por nós constatado, a comida é de péssima qualidade, com baixo nível proteico e calórico, tendo como base o amido; como consequência, acaba acontecendo que, por ser a alimentação de baixa qualidade⁴, alguns trabalhadores vão repor esta deficiência nos "barracões" dos "gatos". Estes são pequenos botecos onde geralmente moram os solteiros, como no caso de Barrinha, onde os "gatos" dispõem de pequenos e desconfortantes cômodos, que são alugados aos trabalhadores, a preços compatíveis, pelo que oferecem, vivendo estas

² Existem muitos casos de "mineiros" que dirigem-se para as cidades.

³ A Usina Bonfim, construiu recentemente um barracão para alojamento dos operários da (indústria) — sendo estes operários os mais desqualificados; é portanto pioneira no setor.

⁴ Faz-se mister mencionar que estes trabalhadores são, na sua maioria esmagadora, subnutridos e, ainda, existe um número expressivo entre eles que são portadores da doença de Chagas.

pessoas verdadeiramente amontoadas. Nestes "barracões" dos "gatos" vendem-se produtos alimentícios principalmente enlatados, miudezas e bebidas alcoólicas⁵. Esses gastos são todos debitados nas cadernetas pessoais, sendo que, no dia do pagamento, o "gato" (repassador do dinheiro) executa os débitos adquiridos pelos mineiros, sendo o restante entregue ao trabalhador como ganho líquido.

Os trabalhadores que optam por enviar o dinheiro para a família acabam muitas vezes não o fazendo, pois gastam quase tudo no "barracão" dos "gatos"⁶. Os que optam por depositar o dinheiro em caderneta de poupança, para que no final da safra levem consigo tudo o que conseguiram ganhar, mais o aumento referente aos juros, não vêem este sonho realizado pelo mesmo fato, ou seja, acabam gastando ou no "boteco" do "gato" ou nas cidades vizinhas, em diversões e principalmente nas "zonas de meretrício".

Deve-se ressaltar que a Usina vem adotando esta forma de aliciamento porque: a) — acaba exercendo sobre os trabalhadores um controle direto, tendo-os a sua disposição quando da execução de uma jornada especial de trabalho⁷, proibindo até que estes façam festas e comemorações; b) — explora de forma hábil, sob coação, os trabalhadores volantes da região⁸, pois fazem ameaças de só contratarem "mineiros", por serem dóceis e por não oferecerem resistência⁹. E ainda, os usineiros, reservam aos "mineiros" os melhores campos, delegando aos trabalhadores "nativos" os piores, criando, então, um "mal-estar" entre o conjunto dos "bóias-frias", procurando "rachar" a classe; c) — por mantê-los sob sua guarda e fiscalização, não permitem que discutam, que questionem a sua situação, etc., o impedindo que algo façam, a não ser o permitido. Para se ter uma idéia, o serviço de correspondência é todo controlado pelo "gato". Sabe-se que

5 Atualmente há uma tendência a se proibir a venda de bebidas alcoólicas, com exceção do conhaque.

6 Os preços dos produtos são muitos elevados, sendo até 3 a 4 vezes superiores aos existentes nos armazéns e supermercados da cidade.

7 Jornadas aos domingos e feriados, etc., pois é muito mais fácil arregimentar os trabalhadores, pois se encontram aglutinados nos barracões à disposição.

8 Outras usinas da região, como é o caso de Pitangueiras e Severínia, também vem adotando os "barracões" como forma de abrigo, controle e fiscalização, etc. dos trabalhadores. Assim como grandes e médios fornecedores da região estão se lançando na idéia dos "barracões". O número destes vem crescendo vertiginosamente.

9 Faz-se mister colocar que a única usina da região que não trabalhou na safra passada sob sistema de corte de 7 ruas foi a Bonfim: mesmo tendo optado por este sistema, não o está colocando em prática porque os mineiros se recusaram a trabalhar em tal sistema.

em caso de endividamento com o "gato", o trabalhador tem sua correspondência retida até que a mesma seja saldada.

Esses "barracões", na época do pico da safra, chegam, alguns deles, a contarem com cerca de 500 ocupantes. Existindo em muitos momentos uma verdadeira superpopulação. Os gatos e os usineiros os pressionam para que não rescindam o contrato antes do término da safra porque, com a desistência, a usina tem diminuída a entrega da matéria-prima, não podendo, pois, cumprir seus compromissos; e o "gato" tem a expectativa de extrair ilicitamente parte dos ganhos dos "mineiros". A usina dispõe de um mecanismo macrabo de coação, ou seja, retém parte do salário que o trabalhador perde se rescindir o contrato antes do término da safra.

No período de entre-safra, poderíamos apontar como tendência que alguns mineiros vem se mantendo nos "barracões", pois os que ficam vem aumentando no decorrer dos anos. Atualmente eles representam algo em torno de 0 a 15%, ou seja, os "barracões", que durante a safra comportavam 500 ou mais trabalhadores, neste período, abrigam em torno de 50 a 70 trabalhadores. Estes, neste período de entre-safra, passam a prestar seu trabalho nos tratos culturais, plantio e outros serviços. A Usina vem certamente percebendo que a permanência na entre-safra de "mineiros" facilita o trabalho de arrematação e preparação das turmas quando do início da safra seguinte. Estes homens que permanecem são, em geral, homens solteiros. Na sua maioria, não tem para onde ir após a jornada da safra, acabando por se integrar no quadro de trabalhadores "regulares" da Usina. Esta é uma questão que merece maiores estudos, pois, para que possamos discutí-la com maior segurança, seria necessário fazer levantamentos e particularmente uma aproximação maior aos "mineiros" para sabermos deles o que eles têm para contar sobre sua situação.

3. O Encontro

Recentemente, representantes do governo mineiro visitaram a região para conhecerem a situação na qual os trabalhadores se encontram. Esta preocupação do governo de Minas Gerais, fundamenta-se na necessidade de se desenvolver e colocar em prática programas de fixação destes homens na sua região de origem (vale do Jequitinhonha).

Mas não são apenas os "representantes do Estado" que estão se preocupando com os "mineiros volantes" mas também os sindicatos

dos trabalhadores do Vale do Jequitinhonha, que realizaram recentemente o "1.º Encontro dos migrantes do Alto e Médio Jequitinhonha" quando discutiram sua situação. Para encerrar este trabalho, reproduzimos as suas resoluções na íntegra, pois ao contrário do que muitos podem pensar, estes trabalhadores também pensam com suas próprias cabeças.

RESOLUÇÕES DO I ENCONTRO DOS MIGRANTES DO ALTO-MÉDIO JEQUITINHONHA

1. INTRODUÇÃO

A Região do Alto-Médio Jequitinhonha mesmo em tempos normais é uma região miserável, onde a falta de condições de vida e de trabalho faz com que, anualmente, milhares de trabalhadores abandonem suas famílias em busca do ganha-pão, em S. Paulo e outras regiões, principalmente no período da entressafra.

E agora, a perda de 70% da produção agrícola, provocada pela seca, leva ao desespero parcela crescente da população, aumentando o número daqueles que são obrigados a migrar.

Diante da gravidade da situação, os Sindicatos dos Trabalhadores Ruais da região, apoiados pela CPT, FETAEMG e Secretaria do Trabalho do Estado de Minas Gerais realizaram o *I Encontro dos Migrantes*, nos dias 9, 10 e 11 de março, em Araçuaí, Berilo e Minas Novas, com a participação de de cerca de 4.000 trabalhadoras rurais.

O Encontro teve como objetivo central discutir as formas de assegurar ao trabalhador condições mínimas para sua permanência no Vale.

Avaliou-se a condição de vida dos migrantes no corte de cana em S. Paulo, onde são submetidos a verdadeiras formas de escravidão branca e ao domínio e exploração dos empreiteiros ("gatos"), bem como a realidade dos que partem para o corte de lenha no "sertão" — Alto São Francisco.

Analisou-se a situação das famílias, notadamente das mulheres, que permanecem na região em condições de extrema penúria.

Este documento é o resultado dos Encontros e pretende refletir as discussões, denúncias e propostas levantadas pelos trabalhadores nos três dias de reunião.

2. ANÁLISE DA REALIDADE REGIONAL

2.1. Agricultura

A política agrícola e agrária dos sucessivos governos para a região não vem atendendo aos interesses dos pequenos produtores, mas sim dos grandes fazendeiros e das empresas agro-reflorestadoras.

O comprovante disso são os seguintes fatos levantados durante o Encontro:

- Falta de terra para os que querem trabalhar.
- Dificuldade para legalização da titulação da terra (altos preços do registro e das taxas do I.T.B.I.).
- Estiagens periódicas, levando até à perda total das lavouras, sem que providências eficazes sejam tomadas.
- Escassez de mão-de-obra, devido à migração forçada.
- Falta de equipamentos agrícolas adequados, insumos a preços acessíveis, assistência técnica efetiva, crédito agrícola compatível com a realidade do pequeno produtor, bem como de estradas, armazéns e cooperativas. Tudo isso, somado à falta de opções de ocupação da mão-de-obra no período da antressafra, leva à já citada migração forçada.

2.2. Saúde

A situação da saúde na região, analisada pelos trabalhadores, oferece um quadro sombrio.

Nota-se ausência total de atendimento médico na roça. A falta de alimentação e de uma higiene básica afeta o desenvolvimento físico e intelectual da nova geração. Em caso de doença grave, não existem ambulâncias para o encaminhamento a hospitais mais especializados. O atendimento do Funrural é insuficiente e o povo não dispõe de recursos para comprar os remédios receitados.

Tudo isso faz com que o índice de mortalidade infantil e da morte de pais e mães de família por causa da doença de Chagas sejam dos mais altos do Brasil.

2.3. Educação

O número de escolas rurais existentes na região é bastante insuficiente, caracterizando-se ainda as existentes pelo despreparo e baixo salário dos pro-

fessores, carência acentuada da merenda escolar, inexistência de extensão de série.

A triste consequência desta realidade é vermos ainda comunidades rurais inteiramente analfabetas.

3. DENÚNCIAS

Nos três Encontros constatou-se que não havendo apoio das autoridades municipais, estaduais e federais aos trabalhadores rurais e às suas organizações, especialmente no que se refere aos seguintes casos:

- A Polícia Florestal age com excesso de rigor, fiscalizando com multas e punições e atua de forma incompatível com a realidade do pequeno produtor da região, que necessita periodicamente de roçar para plantar as lavouras de subsistência.
- A atuação da Rural-Minas está voltada para atender aos interesses dos grileiros e das empresas reflorestadoras.
- Falta fiscalização do Ministério do Trabalho quanto ao cumprimento das leis trabalhistas.
- Há falta de apoio técnico da EMATER aos posseiros de Cardoso e Morrinhos, no município de Berilo.
- A atuação das empresas mineradoras na região de Araçuaí e Itinga vem causando muitos prejuízos aos lavradores, sem que providências sejam tomadas.

4. REALIDADE DA MIGRAÇÃO EM SÃO PAULO

4.1. Problemas causados pelos "gatos":

- Aliciamento de trabalhadores rurais da região para trabalhar no corte de cana, com propostas de bons salários e bons alojamentos.
- Custeio das viagens através de empréstimos cobrando juros altos.
- Aliciamento também de menores, com falsificação de documentos.
- Não-cumprimento das condições propostas, sendo péssimas as condições de alojamento, alimentação e higiene dos trabalhadores.
- Exploração dos trabalhadores no comércio de mercadorias e ferramentas em "vendas" montadas pelos "gatos" nos alojamentos, onde se encontram inclusive bebidas alcoólicas.

- Acerto injusto de contas na hora do pagamento.
- Uso até de violência física como forma de opressão.

4.2. Problemas causados pelas usinas:

- Não-cumprimento da legislação trabalhista.
- Retenção de parte do salário, que o trabalhador perde se rescindir o contrato antes do término da safra.
- Falta de atendimento médico em caso de doença, em algumas usinas.
- Não pagamento dos dias em que o trabalhador fica parado por motivo de acidente de trabalho.
- Implantação de um novo sistema de corte de cana (mudança de 5 para 7 "ruas") aumentando ainda mais a exploração e o conseqüente desgaste físico.
- Desrespeito do descanso semanal.
- Acobertamento dos "gatos" por parte das usinas.
- Péssimas condições de transporte.

5. PROBLEMAS NA MIGRAÇÃO PARA A REGIÃO DO ALTO S. FRANCISCO ("SERTÃO")

Alguns trabalhadores da região dirigem-se para o Alto S. Francisco, a fim de trabalharem no corte da lenha para o fabrico de carvão.

A forma de serviço é por empreitada, ficando a cargo dos trabalhadores todas as despesas de alimentação, saúde e transporte, não existindo, portanto, nenhum vínculo empregatício com os fazendeiros e firmas carvoeiras.

Nesta situação, em muitos casos são desrespeitados os tratos feitos inicialmente.

6. PROBLEMAS NA FAMÍLIA DO MIGRANTE

Com a migração, a família ao abandono. Nos primeiros meses da saída do homem, a família fica sem nenhum recurso econômico.

As esposas se vêem obrigadas a executar dupla tarefa: doméstica e na roça (própria ou de fazendeiros).

São exploradas no serviço das fazendas, notadamente nas de café, o que vem provocando o aumento da prostituição.

A migração vem causando, deste modo, a desagregação familiar.

Os menores se vêem obrigados a trabalhos pesados para o sustento do lar, com detrimento de sua saúde.

Em caso de doença, as mães não têm condições de sair em busca de socorro médico. Exemplo disto foi o fato ocorrido numa região de Minas Novas no ano de 1982, quando um surto de sarampo matou de uma só vez oito crianças.

As esposas, enquanto aguardam algum recurso financeiro dos maridos, têm seus créditos cortados nos armazéns locais.

Sozinhas, as mulheres enfrentam todo tipo de dificuldades como, por exemplo, a pressão da Polícia Florestal.

7. PROPOSTAS

- Construção de açudes, barragens, poços artesianos e outros sistemas de captação de água para irrigação agrícola e abastecimento doméstico.
- Melhoria e construção de estradas e pontes para escoamento da produção.
- Criação, a nível comunitário, de infra-estruturas para produção de açúcar, rapadura e farinha, bem como de olarias, favorecendo a ocupação da mão-de-obra.
- Incentivo técnico-financeiro para produção alternativas no período da entressafra.
- Fornecimento a grupos de trabalho, através de seus sindicatos e organizações comunitárias, de máquinas agrícolas e implementos para a preparação da terra (tratores, arados de tração animal) a custos compatíveis.
- Criação de escolas profissionalizantes e apoio às que já existem.
- Distribuição das terras devolutas aos trabalhadores.
- Solução, por parte da RURALMINAS e do INCRA, dos conflitos de terra em favor dos posseiros e pequenos produtores.
- Criação, por parte do Estado, de um fundo especial para cobrir todas as despesas para legalização da posse da terra.
- Criação de uma infra-estrutura industrial compatível com a realidade da região, para transformação de seus produtos e riquezas naturais, visando a criação de mais empregos.

- Fiscalização por parte do Ministério do Trabalho, nas usinas e onde mais for necessário, para o cumprimento das leis trabalhistas.
- Maior apoio e atenção dos órgãos governamentais para o Vale do Jequitinhonha, em especial para os trabalhadores rurais e suas organizações sindicais e comunitárias.
- Financiamento a juros mais baixos e cobertura eficiente de seguro para as colheitas que se perdem.
- Distribuição de sementes através dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, pelo sistema de bancos de sementes (o associado devolve, após colheita, o dobro da quantidade recebida).
- Garantia de preço justo para a produção agrícola.
- Criação de Cooperativas Agrícolas para os pequenos produtores.
- Implantação de cestas de alimentos, a baixo preço, para atender a emergência da seca.
- Criação de frentes de trabalho administrativos pelos órgãos que atuam no meio rural, visando a melhoria da infra-estrutura da região (estradas, pontes, barragens, escolas, postos de saúde, abastecimento de água etc).
- Diante do protesto geral dos trabalhadores, espera-se uma imediata mudança na atuação da Polícia Florestal.
- Atendimento médico e dentário a nível das comunidades e melhoria na distribuição de medicamentos.
- Melhoria das condições da educação, através da ampliação da rede escolar, criação de extensão de séries e melhor distribuição da merenda escolar.
- REFORMA AGRÁRIA
- LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MINAS NOVAS; BERRILO; ANAÇUAÍ; TURMALINA; CAPELINHA; ITAMARANDIBA; VIRGEM DA LAPA; FRANCISCO BADARÓ; PADRE PARAÍSO; ITAQBIM.

